

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

É PRECISO ESCANDALIZAR

Todas as seitas, sociedades ou partidos, todos os homens, classes ou colectividades que não tiveram o atrevimento de escandalizar o mundo com as suas idéas, os seus métodos e os seus actos, feneceram sem que os seus ideais tivessem chegado a ocupar o seu posto de predomínio, mais ou menos duradouro, no curso das idades.

Quando dizemos escândalo queremos precisamente exprimir admiração ou espanto que causam os princípios ou práticas hostis ao ambiente estabelecido.

Se os cristãos não houvessem escandalizado o mundo com as loucuras do Nazareno — seu símbolo — com o terror da Providencia, com a infinita bondade, justiça e sabedoria do Padre Eterno, com as indescrevíveis delicias dos ceus e os espantosos martírios do limbo, do purgatório do inferno, ninguém lhes teria feito caso, como assim mesmo não o teria feito se não tivessem impressionado os povos com a sua audacia, abnegação e heroísmo, e se os seus mais dedicados defensores não se tivessem, como o «seu chefe», coroado com a aureola do martírio.

As concepções e a audacia de Sócrates, e a cicuta que foi obrigado a beber, revolucionaram a mentalidade humana da sua época.

Galileu destruiu rapidamente o sofisma da teoria da imobilidade da terra com a famosa frase: «eppur si muove!»

Se o luteranismo e o calvinismo produziram a reforma e facilitaram o surgimento do positivismo, foi porque escandalizaram o mundo cristão, levando a dúvida aos cerebros, submetendo a Bíblia ao escalpelto da crítica.

Por sua vez o positivismo triunfou espantando todos os crentes com a sua filosofia e as suas arrojadas concepções eminentemente materialistas.

O atrevimento de homens como Babeuf, Hebert e Octavio Mirabeau, e a valentia de um povo eroico proclamaram a liberdade, igualdade e fraternidade.

Pensemos um momento sobre a audacia dos trabalhadores de Paris que, apesar de estarem as energias populares exgotadas pela guerra franco-prusiana, tiveram a coragem de implantar a Comuna numa época em que apenas despontavam as idéas socialistas e anarquistas; pensemos no seu sacrificio realizado na semana tragica contra as tropas de Thiers, e teremos uma idéa da razão da universalização rápida dos novos princípios de regeneração social.

As forças de Chicago descrevem sobre as gerações novas a famosa frase de Spies:

— Saude oh! tempos em que o nosso silencio será mais poderoso do que as nossas vozes hoje sufocadas com a morte! Quem não foi tomado de assombro pela temeraria revolta dos eroicos marujos do couraçado russo Kinazpotkin? Que de estímulos não creou o arrojo desses valentes?

Hoje, todas as bocas limpas repetem a memoravel exclamação de Ferrer: — VIVA LA ESCUELA MODERNA!

As transformações sociais, politicas, economicas, morais e filosoficas, as revoluções, as ascensões dos plebeus, dos escravos, produzem-se pelo escândalo.

O mundo marcha á força de escândalos, e a humanidade só concebe uma idéa ou um acto depois de ter-se escandalizado, depois de ter sido a sua atenção atraída para estas idéas e actos com a admiração e a impressão.

Quando se propaga, seja o que for, com reticências, com desvios ou roupagens, mais ou menos enigmaticas, quando se emprega uma fraseologia escolhida para não assustar ou para não escandalizar,

o auditorio ouve as filipicas como quem ouve chover.

E nós, se não queremos gastar a cachola nem os pulmões inutilmente, temos que propagar as nossas idéas sem prudencia alguma, sem palavras com sentido figurado.

E' preciso ter a sinceridade do camponês: pão é pão e vinho é vinho.

Tratemos, por todos os meios, de escandalizar a todo o mundo, em todo o momento e lugar.

Gritemos bem alto, com toda a força, os nossos princípios, as nossas doutrinas; e se alguém fugir de nós devemos correr atrás dele até alcançá-lo, e continuar a gritar, certos de que não perderemos o tempo, porque, quem foge é porque fez caso das nossas arengas e foi impressionado por elas. Os irredentos, os que não podem assimilar os nossos sentimentos, ficam muito tranquilos, porque não compreenderam patafina, ou estão pensando em cousas que não tem nada com o que nos esforçamos em fazer-lhe sentir.

Escandalizemos a todo trance. Quando tivermos escandalizado o mundo ele será nosso.

Quando o Anarquismo for espalhado por toda a terra a Anarquia terá triunfado.

Lisboa, 1913. PRIMITIVO SOARES

A MEDICINA LEGAL

UMA CONSULTA
Ilmo Sr. Secretario dos negocios da «Agricultura Industria e Commercio.»

Li com avidez a vossa circular de 10 do corrente, dirigida ás organizações operarias do pais.

Inspirado pelo teor das primeiras linhas que dizem: «Os poderes publicos acompanham com o maior interesse e sympathia as arrematadas operarias em syndicatos profissionais para a defesa dos seus interesses de classe» julguei encontrar nessa circular a salvação da classe proletaria, mas as precedentes suscitaram-me a dúvida e a desconfiança.

Fala-se da lei 1637, de 5 de janeiro de 1907, mas como os poderes publicos não me forneceram nenhum manual de legislação, nem os capitalistas me deram tempo até agora, para fazer consultas, nada entendo das leis; para mim estão falando em latim.

O que comprehendo é a declaração na qual dizeis:

«Não seria justo que o proletariado fosse a unica classe afastada das vistas protectoras da união republicana solicitada para todas as organizações politicas e sociais.»

Estamos fartos de ver essa solicitude republicana para com os proletarios.

Ainda estão quantinhas e flamantes as cargas de cavalaria dadas sobre os grevistas de Belo Horizontes e de Juiz de Fora, as prisões e deportações em massa de trabalhadores de Santos, os assaltos á sede da Federação Operaria, pelo facto de defenderem os seus interesses com uma arma, a greve, que é um direito legal.

Estamos sob a impressão das correrias policiaes nas ruas centrais da propria Capital Federal, por ocasião da da pacifica agitação contra a carestia da vida, onde vimos muitos proletarios cairem varados pelas balas dos epode-

res publicos e acolitados pelos agentes da «união» republicana.

Dias passados, a greve dos trabalhadores maritimos, deu mais uma ocasião para comprovar-se a protecção disinteressada do Governo aos interesses da classe proletaria. Muitos camaradas foram presos por terem abandonado o trabalho. O ministro da Marinha forneceu pessoal da armada para substituir os grevistas e fazer fracassar a greve, em defesa dos interesses do Lloyd Brasileiro.

No momento em que escrevo estas linhas, recebo um boletim da «A classe Estivadora» de Rio Grande (Rio Grande do Sul) o qual protesta contra o assalto vandálico realizado por um grupo de capangas ao local da Sociedade de Estivadores, destruhindo os moveis e ferindo um velhinho empregado daquela associação.

Este assalto foi protegido pela policia, que prendeu o presidente da associação, quando este apresentou o seu protesto ás autoridades.

O que entendo é a protecção que os poderes prodigam aos trabalhadores com a famosa lei de exclusão.

Resulta tipico o facto de os srs. estadistas virem pontificar o sindicalismo operario.

Ou os homens de Estado são completamente imbecis que não conhecem a cultura e orientação do proletariado, ou julgam que o proletariado seja tão boçal para cair no conto, não do vigario, mas do governo republicano.

Incompetentes em tudo, não podem deixar de demonstrar a sua incompetencia respeito ao sindicalismo operario.

O sindicalismo operario reconhece que não pode organizar cooperativas, sem antes saquear o tesouro publico e a propriedade dos capitalistas; de mutuo proprio só poderia organizar cooperativas de fome e de miseria, pois é o que abunda entre as classes proletarias.

Reconhece tambem que os seus interesses, os seus direitos, os seus princípios e o seus fins chocam-se com os interesses dos governos e das classes exploradoras.

Entre as duas classes sociais aviva-se uma luta de doutrinas e de forças, luta mais ou menos violenta, até que desapareçam as causas que as determinam.

A propriedade individual está chamada a desaparecer pela expropriação á força.

E o governo, que tambem deve desaparecer, pela revolução, para deixar campo livre a todas as iniciativas individuais e colectivas, não está em condições de assentar praça de academia entre classes trabalhadoras.

Os sindicatos que assim não pensassem seriam sindicatos de famintos aburguesados, mas não sindicatos operarios.

O destino dos sindicatos operarios não é necessariamente a educação moral e profissional é a educação tecnica e revolucionaria.

Os seus elementos não estão limitados á solidariedade.

O boicotage, o label, o sabotage, a greve geral revolucionaria formam parte da sua acção emancipadora do proletariado.

Se acaso, porem, o Sr. Secretario da Agricultura está conforme em colaborar na organização de cooperativas de boicote, sabotage, label e greves gerais revolucionarias, para desbaratar o governo, com todas as instituições vigentes, é possivel que cheguemos a um acordo. Serve?

JOÃO CRISPIM.

Todos os companheiros devem procurar difundir o

Germinal!

PSICOLOGIA da democracia brasileira

Máta-se, expulsa-se ou prende-se e anatematiza-se aos que criticam ou combatem as autoridades, notadamente aos legisladores, afirmando-se categoricamente que os parlamentos, os deputados e os senadores são entes sagrados, sinceros, honrados, honoraveis, sabios imaculados, que mantem a ordem e fazem a felicidade da patria.

Sem os governantes, que com o exemplo, com a inteligencia, com um verdadeiro mar de virtudes liberaes, civicas e democraticas, e os seus extremos de amor pelo povo, pela patria e pela republica... ou outro qualquer regime estadual, tudo se precipitaria para a dissolução, para a violencia e para a ruina; todas as paixões e instintos perversos da humanidade se desencadeariam numa desordem caotica de crimes e de violencias.

Vejam de perto estes homens divinos.

Numa das ultimas sessões da Camara Federal fazem-se mutuamente a psicologia, uns dos outros, e dos governos e partidos que representam a Republica, sem excluir o proprio presidente.

Atenção: «O sr. Mauricio de Lacerda — Quizeram fazer até o presidente da Republica chefe de partido! (Protestos).

O sr. Fonseca Hermes. — Fizeram os governadores dos Estados, chefes de partidos tambem.

O Orador. — E' perigosa e odiosa a derrubada que está fazendo o presidente da Republica.

O sr. Mario de Paula. — O sr. Rivadavia Corrêa é um galopim eleitoral.

O sr. Fonseca Hermes. — Só tem sido demittidos os funcionarios que não contam com a confiança do governo. Não se pode confiar em adversarios.

O sr. Mauricio de Lacerda — Os funcionarios dos Telegrafos são de confiança do governo, porque, por meio deles, se pode saber da correspondencia trocada com os adversarios. (Trocam-se apertes, sôam os timpanos. Tumulto).

O sr. presidente — Atenção! atenção!

O sr. Joaquim Osorio — A Coligação não se revoltou contra o bombardeio da Baía, logo, não tem direito de falar contra a demissão de empregados publicos. (Continuam os gritos, sôam os timpanos).

O sr. Joaquim Osorio — O sr. Seabra é responsavel pelo bombardeio da Baía.

O sr. Mauricio de Lacerda — ... e o sr. Pinheiro, pelo bombardeio de Manaus. (apartes).

O sr. Mauricio de Lacerda — O bombardeio de Manaus foi até pago pelos cofres do Estado do Amazonas.

Os srs. Aurelio Amorim e Antonio Nogueira — (Gritando) — Protestamos, o sr. Pinheiro Machado não pôde ser acusado de haver praticado tal acto.

O sr. Mauricio de Lacerda — (Secundado pelo sr. Mario de Paula) — O sr. Pinheiro Machado é responsavel pelo bombardeio de Manaus. (Sôam os timpanos, o tumulto augmenta).

O sr. presidente — Peço silencio, assim não é possivel o orador proseguir nas suas considerações.

O sr. Joaquim Osorio — O sr. Rivadavia Corrêa só é acusado pela coligação, porque não é instrumento desta.

O sr. Nicanor do Nascimento — Na Baía, com a subida do sr. Seabra ao poder, até a imprensa foi demittida.

O sr. Mauricio de Lacerda — Mas, não foi comprada, como está sendo aqui, na Capital Federal. Posso até citar, o preço por que são comprados os jornais. Precisamos ter a coragem para ver estas cousas.

O sr. Nicanor do Nascimento. E' bom nomear.

O sr. Mauricio de Lacerda — Pois não. A «Noticia», a «Gazeta de Noticia» !! (sensação).

O orador continua o seu discurso condenando a acção do presidente, que pretende escolher o seu successor.

O sr. Joaquim Osorio — E' este o principio da Coligação. Porque tres dos seus leaders foram se entender com o sr. presidente da Republica sobre a escolha do seu successor?

O sr. Arlindo Leonel — ...refere-se ao leader do governo.

O sr. Fonseca Hermes — leader do governo, não; leader da maioria.

(Protestos dos coligados e apoiados dos pincheiristas).

O orador declara-se cansado e pede ao presidente permissão para descansar por dois minutos. Senta-se dizendo que se os seus colegas continuarem no proposito de o apartear insistentemente, fazendo a algazarra que se notava ha pouco, deixará de proseguir o seu discurso, pois não desejava ver a sua saúde comprometida.

O sr. Fonseca Hermes — Deste modo, é melhor falar no cemiterio. (Protestos).

O sr. Muniz Sodré — E' o leader do governo que manda um deputado falar no cemiterio?

Com este documento certamente não será preciso muito trabalho para descobrirmos os verdadeiros perturbadores e criminosos, que mantem o terror entre a população, e os ladrões que arruinam o pais.

Não é preciso um microscopio.

E cada um deles, para estar no poder a fazer das suas, custa ao povo mais de cem mil réis por dia produzindo... a carestia da vida.

AOS CAMARADAS E ASSINANTES da Mogyana

VIAGEM DE PROPAGANDA SOCIOLOGICA E PRO «GERMINAL!»

Prevenimos a todos os camaradas e assinantes, desta linha, que o camarada LUCAS MASCULO seguiu em viagem pelas localidades que ainda não foram percorridas pelo companheiro Felipe.

Em todas as localidades tratará de realizar conferencias ou comicios de propaganda libertaria e ao mesmo tempo procurará angariar recursos entre os voluntariosos, para garantir e ampliar a vida desta folha.

Terão, pois, os camaradas, ocasião de organizarem actos de propaganda, para o qual pedimos envidarem todos os esforços possiveis.

Reunião de camaradas

A' segunda reunião de camaradas convocada por este jornal, foi, como a primeira, muito concorrida.

Ficou constituida uma comissão para tratar de alugar algum dos locais em vista, ou outro que reúna melhores condições e dirigir uma circular aos camaradas desta cidade, convidando-os a comparecer á grande reunião que se realizará, estes dias, no local que se alugará.

E' conveniente que todos os camaradas façam a maior propaganda para que a esta reunião compareça toda a actividade anarquista.



O IDEAL ANARQUISTA

Tomando a «Anarquia» como ideal de organização política não fazemos mais do que formular uma tendência pronunciada da humanidade. Sempre que o permitiu a marcha do seu desenvolvimento, as sociedades europeias sacudiram o jugo da autoridade e esboçaram um sistema baseado nos princípios da liberdade individual. E vemos na história que os períodos durante os quais os governos foram abalados por efeito de revoltas parciais ou gerais foram épocas de progresso subido sobre o terreno económico e intelectual.

Ora é a emancipação das comunas, cujos monumentos — fructo do trabalho livre de livres associações — ainda não foram ultrapassados; ora é a sublevação dos camponeses que fez a Reforma e pôz em perigo o Papado; ora é a sociedade, livre por um momento, fundada na América pelos descontentes saídos da velha Europa.

E se observarmos o desenvolvimento presente das nações civilizadas, nelas vemos um inconfundível movimento cada vez mais acusado para limitar a esfera de acção do governo e deixar ao indivíduo cada vez mais liberdade. E a evolução actual, estrangida, é certo, pelo acervo de instituições e prejuizos herdados do passado: como todas as evoluções só espera a revolução, para destruir os velhos paradedos que a estorvam para tomar livre voo na sociedade regenerada.

Depois de haver por muito tempo tentado baldadamente resolver este insolúvel problema: obter um governo «que possa coagir o indivíduo á obediência, sem contudo ele deixar de obedecer por sua vez á sociedade», procura a humanidade desembaraçar-se de qualquer governo e satisfazer as suas necessidades de organização com o livre pacto entre indivíduos e entre grupos que tenham os mesmos intuitos. Torna-se necessidade urgente a independência de cada mínima unidade territorial; de comum acôrdo que substitua a lei e regula, por cima das fronteiras, os interesses particulares em vista dum fim geral.

Tudo o que outrora foi tido como função de governo lhe é hoje disputado: os homens arranjam-se melhor e mais facilmente sem a sua intervenção. Estudando os progressos feitos nesse sentido somos levados a concluir que a humanidade tende a reduzir a zero a acção dos governos, isto é, a abolir o Estado, essa personificação da opressão e do monopólio.

Podemos já entrever um mundo em que o indivíduo, não mais ligado por leis, não terá senão hábitos de sociabilidade — resultado da necessidade sentida por cada um de nós de buscar o apoio, a cooperação, a simpatia dos seus vizinhos.

A idéa duma sociedade sem Estado certamente suscitara, pelo menos, tantas objecções como a economia política duma sociedade sem capital privado. Todos nós fomos criados com prejuizos sobre as funções providenciais do Estado. Toda a nossa educação, desde o ensino das tradições romanas até ao código de Bizancio estudado com o nome de direito romano, e as sciencias diversas professadas nas universidades, habituam-nos a crer no governo e nas virtudes do Estado—Providência.

Para manter este prejuizo, elaboraram-se e ensinaram-se sistemas de filosofia, redigiram-se as teorias da lei. Toda a politica é baseada nesse principio, e não há politico, seja qual for o seu matiz, que não diga ao povo: «Da-me o poder, que eu quero e peço libertar-vos das misérias que pesam sobre vós?»

Do berço ao túmulo todas as nossas acções são encaminhadas por esse principio. Abri um livro qualquer de sociologia, de jurisprudência, e lá vereis sempre o governo, a sua organização, os seus actos, ocupando tanto lugar que nos acostumamos a crer que nada ha fóra do governo dos homens do Estado.

A lição é repetida em todos os tons pela imprensa. Consagraram-se colunas inteiras aos debates parlamentares, ás intrigas dos politicantes; mal apparece ali a vida quotidiana, imensa, duma nação em poucas linhas, sobre um assunto economico, a proposito de uma lei, ou na reportagem da rua, por intermedio da policia. E quando lêdes esses jornais quasi não pensais no número incalculavel de seres — toda a humanidade, por assim dizer — que crescem e morrem, conhecem as dores, trabalham e consomem, pensam e criam, além dessas poucas personalidades estorvadoras, magnificas até occultarem a humanidade com as suas sombras ampliadas pela nossa ignorancia.

E no entanto, passando-se de materia impressa á vida mesma, lançando-se uma vista de olhos á sociedade, fica-se surpreendido com a parte infinitesimal que nela tem o governo. Já Balzac notára quantos milhões de camponeses passam toda a sua vida sem conhecer do Estado mais do que os seus pesados impostos que são obrigados a pagar-lhe. Fazem-se

diariamente milhões de transações sem a intervenção do governo, e as mais importantes — as do commercio e da Bolsa — são de tal modo combinadas que nem sequer poderia ser invocado o governo se uma das partes contratantes tivesse a intenção de não satisfazer o seu compromisso. Falai com um conhecedor do commercio, e ele vos dirá que as trocas diariamente operadas entre comerciantes, seriam absolutamente impossiveis se não assentassem sobre a confiança mútua. O hábito de cumprir a palavra, o desejo de não perder o crédito, bastam, largamente para manter essa honestidade relativa — a honestidade comercial.

O mesmo que não sente o menor remorso ao envenenar a clientela com drogas infectas, cobertas de etiquetas pomposas, julga ponto de honra realizar os seus empenhos. Ora, se esta moralidade relativa pode desenvolver-se até nas actuaes condições, quando o enriquecimento é o único móbil e o objectivo único, — podemos conceder que não progrida rapidamente logo que a apropriação dos fructos do labor alheio deixar de ser a base mesmo da sociedade?

O mesmo traço frásante, que caracteriza sobre tudo a nossa geração, fala ainda melhor em favor das nossas idéas. E' o aumento continuo do campo das empresas devidas á iniciativa privada e o desenvolvimento prodigioso dos agrupamentos livres de todas as naturezas. Isto falaremos mais longamente quando nos occuparmos do «Livre Pacto». Basta-nos dizer aqui que esses factos são numerozinhos e tão habituais, que formam a essência da segunda metade deste século, apesar de os ignorarem os escritores de socialismo e de politica, que preferem disreterar sempre sobre as funções do governo. Essas organizações livres infinitamente variadas, são um producto tão natural, crescem tão rapidamente e com tanta facilidade se constituem, são um resultado tão necessario do aumento constante das necessidades do homem civilizado, e finalmente tão vantajosamente substituem a ingerencia governamental que nelas devemos conhecer um factor cada vez mais importante na vida social.

Se ainda não se estendem ao complexo das manifestações da vida é por encontrarem um insuperavel obstaculo na miséria do trabalhador, nas castas da sociedade presente, na apropriação privada do capital, no Estado. Suprimí esses embaços e vê-las eis a origem o inenorme dominio da actividade dos homens civilizados.

Algumas palavras sobre a Questão Social

Ao Sr. A. G.

Trouxe o «Jau Moderno», em seus nos. 33 e 34, um longo e bastante circunstanciado artigo sob o titulo «A Carreiria da vida», assinado com as iniciais ou pseudonimo de A. G., desta Capital.

Li-o de principio a fim, atraído pelo assunto que tanto tem occupado a atenção dos homens de sentimentos. Mas, feita a leitura fiquei pasmo diante das afirmativas do articulista, relativamente á sua maneira de encarar o problema social, de cuja solução depende a felicidade humana, e não pude resistir ao desejo de escrever estas linhas afim de refutar o seu parecer, ou melhor, o seu conselho, dado ás classes proletarias, sem entretanto pretender melindralo nem offende-lo.

O que pretendo é apenas analisar, discutir. Da discussão nasce a luz. E é isto justamente o que precisamos neste momento de luta, de confusão e de trevas. E, dados esses motivos, seja-me permitido fazer-lhe ver o grande, o monstruoso erro em que labora aconselhando ás massas proletarias do Brasil uma medida já tantas vezes provada como inútil, como incapaz, e que absolutamente não trará resultado satisfatorio ás eternas victimas da exploração burguesa na triste e dolorosa emergencia em que a miséria moral dos homens de elevada representação social se casa com o estado de passividade, ignorancia e bruteza da maioria do povo brasileiro cuja mentalidade patenteia os prejuizos de uma educação que está em completo desacôrdo com o espirito deste século.

Há, pois, da sua parte, muita illusão. E quem uma prova? Escutem: Logo ás primeiras linhas de seu artigo, sai com esta tirada: «Por parte dos poderes competentes ainda não partiu medida alguma afim de sufocar o mal que nos ameaça.»

Depois, logo em seguida, diz que: «atá o povo comparecer aos comícios, visto o governo dispôr de forças poli-

ciais para dispersa-lo a patas de cavalos. Acha os comícios uma medida imprópria, entretanto aconselha outra peor, muito peor, que é a representação nominal, por meio de comissão eleita pelo povo.

Santa ingenuidade! Fala em poderes competentes, e aconselha o povo a pedir ao governo a esmola de algum bem estar a que tem pleno direito. Não é o povo o poder competente para tratar de melhorar a propria situação? De certo.

Então que deve ele esperar do governo? Nada, senão extorsões, violências e todas as misérias.

Al estão para provas, o procedimento do governo federal com suas vãs promessas e o silencio mudo, tacito com que o de S. Paulo respondeu á representação promovida por um grupo de ingenuos e tímidos sonhadores que se dizem socialistas legalitarios.

O sr. A. G. não sabia disto? Os jornais não se occuparam deste facto?

Então, porque aconselhar se um recurso impossivel, um meio que não atinge um fim desejavel? E' o que ninguém pode saber. Entretanto, quem duvidará da sua boa fé? Ninguém.

O que houve, de sua parte, foi um engano resultante da falta de melhor estudo com referencia ás graves questões sociais. Senão diria que os proletarios precisam, antes de tudo, de consciencia e que a consciencia do proprio valor só a adquirirão na luta e não na inercia, não no estado de passividade e sujeição, entregues á fatalidade de um destino de antemão preparado pelos parasitas sociais.

O erro é proprio do homem; portanto, não é vergonha errar, mas sim o persistir no erro.

E o sr. A. G., com certeza, depois de reflectir melhor, dará razão ao que vai inserto nestas linhas em contradicção ao seu modo de pensar com referencia a Questão Social.

J. PETTINATO

O desperdicio da energia feminina

VI

Chegamos enfim ás energias sociais.

O principio geral da sociedade é que os homens, na impossibilidade de se apoderarem das energias naturais, cada um de por si, se reúnem, compõem as suas forças numa resultante, que tem com a resultante mecanica a virtude da economia. Isso, senhores, quando ha verdadeiro «concurso». Concurso chama eu a combinação de energias tendentes a um mesmo fim productivo. Tanto mais eficaz será o concurso quanto menor atrito improdutivo houver nas energias actuantes. Duas energias favoráveis de sentido contrario não podem, evidentemente, formar concurso. Si são iguais estagnam-se no equilibrio, si diferentes o desequilibrio productivo dará um «deficite» irregatavel, por haver desperdicio na destruição da menor.

Portanto, aquilo a que chamamos «choque de interesses» é factor de desperdicio. Tanto maior será a sociedade quanto maior a soma desses choques entre energias concorrentes. Em mecanica, o choque é um vicio da maquina. A maquina ideal seria aquela onde não houvesse choque e onde o atrito inutil se reduzisse ao minimo.

Que diriamos pois, senhores, de um mecanico que tentasse construir uma maquina, cuja condição fundamental de funcionamento fosse o oitro inutil e o choque?

Que diriamos do teorista que tentasse, algebricamente, demonstrar a vantagem dessa condição? Estaria louco.

Ora, senhores, a maquina social, essa machambomba' deseixada, foi constituída, está constituída nessa condição. Basea-se no atrito das ideas, no choque dos interesses e todos os teoristas da Economia Política se levantam, «una voce», para justificar esse absurdo, cognominado por eles: «concorrência».

Eis como se exprime o notavel economista Coquelín no «Dicionario de Economia Política» de Leon Say:

«Não se suponha, que, nas supraditas palavras, miremos defender a concorrência industrial ou commercial contra os perigos ataques de que tem sido victima. Livre-nos Deus! Sempre nos pareceu maltoante, a economistas, esgrimir em defesa de tal principio. Ele é inerente ás condições primarias da sociedade, ele é mesmo demasiadamente grande; descomedidamente elevado, inatingivelmente santo e, em sua applicação geral, tão acima das investidas dos pigmeus que o ameaçam, que não ha mister defende-lo. Ninguém defende o sol, embora, ás vezes, creste a terra, que devia apenas aclarar e aquecer: não devemos tambem defender a concorrência que, para o mundo industrial, é o

mesmo que o sol para o mundo fisico. A tarefa do economista se restringe a explicar-lhe a acção na esfera industrial e expor os maravilhosos efeitos dela».

Al está, senhores, é a santificação, a divinização da concorrência.

Mau grado o supersticioso desdem do citado escritor, ousou afirmar que a concorrência, industrial, commercial ou politica, é o maior factor de desperdicio da energia humana.

Porque a concorrência é atrito e choque entre energias unidas para o mesmo fim.

Mais do que isso, é «tracção» em oppositos sentidos.

O que se esvai de energia nesses atritos e choques vai faltar na luta contra os atritos e choques das energias naturais a vencer.

Logo, si nos pomos a desbaratar as energias disponiveis, chocando-as umas contra as outras, embora tenhamos saldo, temos saldo desfalcado.

Ou isso é evidente ou não ha evidencia no mundo.

Ora, a concorrência é o entrecchoque de energias humanas sem resultado productivo.

E' que, no regime da propriedade individual, sagrada, a concorrência é o meio de se apossar cada qual pela astucia, pela fraude, pelo roubo, de tudo quanto os demais possuem e lhe podem caber nas mãos. E' a superstição das ambições, na caça ao dinheiro, ás posições, ás regalias. Para consegui-lo, o individuo se avilta ás maiores torpezas, abajouja-se, vinga-se.

O «comercio honrado», nesse regime, é a falsificação, a trapaça, a falencia, o incendio, as liquidações, a hipoteca, a penhora, o processo. Bela solidariedade humana! O relojoeiro da esquina envida todos os esforços para distrair a clientela do vizinho. E' esse o papel do annuncio, do reclamo. Rejubila-se o vendeiro si quebra o vendeiro defronte. E' um de menos a lhe fazer sombra. As grandes fabricas, vendo marasmada a compra, atiram-se á conquista dos mercados. Alvitram os mais despuorados meios de venda, vão iscar a freguezia, illudi-la á adquisição dos seus productos. São regimentos batedores incansaveis, sempre crescentes, sempre crescentes... Mas a elasticidade dos mercados é finita. Quebra uma casa, arrui-na-se um patrão desgraçando a centenas de infelizes. Si, na empresa, se embarcaram capitais de diversas nações, como em Marrocos, a concorrência é mais seria.

Os plutocratas, donos dos governos, armam os trabalhadores ingenuos, acirram-os uns contra os outros, tentando pela guerra a definitiva conquista do terreno.

Essa é a concorrência economica. Mas, atrás' dela, sob uma capa aurifugente, vem a concorrência politica, a nojentissima luta partidaria, a ganancia de altos postos, para satisfação da vaidade e percepção de pingues rendas.

Tudo, senhores, nessa competência vil, é repulsivo, desde as eleições, pregadas pelos dirigentes como dever civico e que é um ludibrio dos dirigidos, mormente quando elegem os confusos do socialismo, desde as eleições, digo eu, até o assassinio politico e o bombardeamento.

A politica, senhores, uma das formas da concorrência, é a mãe das perseguições. Perseguições pelo ouro, pela imprensa, pelo exilio, pela intriga, pela prisão, pelo punhal.

E quando essa perseguição não se pode valer dos pretextos menos torpes valse, hoje, do pretexto da perturbação da ordem, valse-se, antigamente, da religião. E temos as perseguições religiosas, Calvino ou a Inquisição.

JOSE OITICICA

Como se garante no Brasil

o salario dos operarios

Tudo quanto temos dito respeito da ladronice descarada, neste paiz, é uma parte infinitesimal dos factos que diariamente occorrem.

Hoje temos a notar mais um, ha dias publicado pelo «Diario Popular»:

«Ha 4 meses, os trabalhadores Beaino Pietro e Julio Pedreiro Gonçalves, casados, espanhóis, em companhia de suas familias vieram para o Brasil, fixando residencia em S. Paulo.

Uma vez aqui, trataram de procurar trabalho, tendo sido eles contratados para trabalharem em uma pedreira existente na estação do Rio Grande, distrito de S. Bernardo, para onde seguiram acompanhados de suas esposas e filhos.

Hontem, Beaino Pietro, em companhia do seu colega Julio Rodrigues, dirigiu-se ao feitor da pedreira, Maximino Gusmão e pediram-lhe dinheiro.

Maximino não respondeu.

A' meia noite, mais ou menos, quando aqueles operarios dormiam, o sub-delegado local, João Ramos de Moraes, acompanhado de um grupo de paisanos armados de foices, facões e revólvers, do cabo do destacamento, João José Vieira e de

3 soldados, estes armados de carabinas, dirigiu-se á residencia desses operarios e, arrombando as portas, invadiram as mesmas, espancando áqueles e não satisfeitos revolveram malas e gavetas dos moveis.

Foi effectuada a prisão de todos quantos ali se achavam.

Hoje, pela manhã, Julio Gonçalves, e a esposa de Beaino, sendo postos em liberdade, vieram para a capital, onde chegaram á uma da tarde e apresentaram-se á Policia Central, onde deram queixa ao delegado de serviço, que abriu inquerito a respeito.

Como os queixosos apresentassem ferimentos, foi feito exame de corpo de delicto nos mesmos.

Acham-se tambem feridos Salvador de tal e Beaino Pietro que ainda estão presos no posto policial daquela estação».

O jornalista cita este facto com a maior tranquillidade, sem comentario algum, como se os saltadores tivessem feito bem, hipotecando-lhes assim a sua solidariedade. A tirania do espaço não nos permite alongar-nos em extensas considerações. Só temos espaço para dizer que o povo, especialmente o povo trabalhador, está sendo obrigado a organizar, por uma vez, uma milicia armada até os dentes, para manter a raia ou aniquilar os patrões e a milicia policial.

Os capitalistas do Brasil tem carta branca para roubar aos operarios até o seu miseravel salario, e cometer com eles todas as infamias.

E a policia está sempre pronta a tomar parte nas extorsões e assaltos, salientando-se pela selvageria e ferocidade proprias da sua profissão.

Para viver aqui é preciso preparar-se como quem vai para a guerra.

AÇOUGUES MODERNOS

NOS BALKANS

A guerra entre a Grecia, a Servia e a Rumania contra a Bulgaria, foi iniciada com tanta ou mais violencia do que a dos aliados contra a Turquia.

Apenas romperam as hostilidades e já se contam mais de 30.000 homens mortos e 50.000 feridos.

Varias cidades tem sido saqueadas e levoradas pelo incendio.

Entre estas cidades conta-se a de Cores que, segundo um telegrama, foi incendiada pelo irregulares gregos. Empenhados em completar a sua obra patriótica, os irregulares gregos massacraram 200 soldados bulgaros e grande numero de velhos, mulheres e crianças.

Atenas vai em progresso. Em lustros não remotos, quando cultivou as letras, as artes, as sciencias e a filosofia, brilhou pela sua civilização; nos lustros contemporaneos em que cultiva o civismo e a moral do Estado, brilha pela sua barbarie.

NA CIRENAICA

O canhão papalino não cessou de anunciar a civilização cristã nos aridos campos da Cirenaica.

Os exercitos italianos continuam a avançar exterminando os habitantes do pais.

As ultimas noticias dizem que uma columna italiana travou combate com um grupo de beduinos, o qual durou tres horas.

Houve grande numero de mortos e feridos, de ambos os lados.

Outra columna atacou «El Gaffe» bombardeando o campo beduino.

Tudo se explica, menos a participação da mocidade italiana nessa empresa de morte, de desolação e exterminio, onde os proletarios vão sacrificar a sua vida ou saude, representando o papel de assassinos, para beneficiar os financeiros da peninsula.

EM MARROCOS

As legiões franceza e espanhola em Marrocos tambem não perdem tempo. Os capitalistas como Mentero Rios, Romanones e outros, que são a honra e gloria nacional, veem aumentados os seus capitais e possessões, ao passo que as familias dos soldados andam errantes e com faces cadavericas, pedindo de porta em porta um pedaço de pão.

Uns morrem na guerra de pilhagem e outros, desamparados, morrem por falta dos seus unicos sustentaculos que vão expor a vida em defesa da patria...

São assim os açougues modernos.

Toda a historia da Humanidade é a duma luta incessante entre as massas que querem organizar-se em base de igualdade e de liberdade, e as minorias que procuram levar vida regalada á custa do trabalho dos outros.

PEDRO KROPTKINE

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

BRAVI!

Mentre l'organo magno della colonia italiana si getta come una donna isterica, nelle braccia ora dei poliziotti ora dei fazendeiros, ora degli italiani straccioni, e avviliti per la triste condizione in cui sono tenuti dalle autorità paesane, e dai compatriotti arricchiti col sangue dei lavoratori; mentre questo organo insulta il puro eroismo dei beduini massacrati dalla pirateria italiana, e gioisce per sconfitte subite dall'esercito spagnuolo nel Marocco; mentre questa vergogna dell'Italia all'estero, pulisce il di dietro ai capitalisti di tutte le nazioni, qui venuti a saccheggiare le case dei lavoratori e calpestare tutti gli umani sentimenti; mentre la classe parassitaria dopo affamato ed abbruttito tutto un popolo, dopo comperato e sbranato tanta carne umana, fatta venire da tutte le parti del mondo con bugiarde promesse di miglioramenti economici, dopo aver con articoli, pubblicati dalla stampa venduta e con migliaia di opuscoli stampati in più lingue fatto conoscere le mai esistite delizie delle fazendas e la — dai lavoratori non conosciuta — ricchezza di questo paese, ove si può con un po' di denaro uccidere un uomo perché non sia un fazendeiro, un negoziante, ove si può far lavorare gli uomini e non pagargli, far lavorare le donne e pagarle (quando se ne ha voglia) a ragione di 1.500 reis al giorno, ove si può avvelenare nelle officine e nelle fabbriche i corpi e le anime dei bimbi e bimbe inferiori agli otto anni di età — misera prole di esseri resi incoscienti dai patimenti subiti, — ove, mentre la classe dominante dopo aver comperato col denaro rubato ai coloni e agli operai, gli uomini più illustri (?) della vecchia Europa, come Doumer, Clemenceau, Ferri, Ferrero, e tanti altri, con lo scopo preciso di attirare le simpatie e le genti in questo paese per poi arricchire sui loro sudori; dopo aver impantanato uomini e cose, immiserito depravato donne e fan-

ciulli; ove questa bassa categoria di infimi animali dopo commesso ogni sorta di nefandezze, osa togliere agli affamati che domandano pane, il diritto di domandarlo, e a tal uopo approva la legge di espulsione, e deporta centinaia di onesti lavoratori nelle pestifere regioni confinanti col Matto Grosso, e vorrebbe proibire il rimpatrio a quelli che stanchi di godere la vita nelle «fazendas» preferiscono andar morir di fame nel paese che son nati.

Mentre sembrava che tutto dovesse continuare così, e che tanta barbarie, tanta brutalità avesse intorpidito, anche gli audaci pionieri dell'ideale anarchico che, per tanti anni seminarono in questo paese l'ideale più pura e più umana; mentre i dissanguatori del popolo godevano e si preparavano già a sfogare la loro bile credendo d'aver domato i ribelli, ecco i ribelli sorgere, non domi, e far ringhiare alle jene la bava che stavano per sputare sulla verità, sulla giustizia, sull'ideale.

Ecco gli anarchici, i veri anarchici, quelli che non riposano mai, che non muoiono mai perché si eternano con la loro idea, o con le azioni della loro vita.

Eccoli i pionieri risorgere senza illusioni, senza promesse, ma risoluti e irriducibili.

Salute o compagni che riprendete il vostro posto di battaglia seminando l'idea, la ribellione, proclamando diritti, staffilando i vigliacchi, smascherando gli ipocriti.

Salute a voi, che sorgete proprio nell'ora in cui tanti pensano ai propri affari e si mettono a fare gli scettici, per nascondere la loro viltà.

Per questi il nostro compatimento. Per voi compagni della «Propaganda» e per tutti i ribelli, il nostro fraterno saluto.

Salute e buona guerra per l'Anarchia.

RINATO.

GIOITE!

O irredentisti d'oltre mare o maschere buffonesche che volete dare ad intendere il vostro amor di patria, componendo canti epici odi e laudi per la gloria della terza Italia un, grande e invincibile, ricca della sua storia e dei suoi... misfatti, gioite!

Esultate! o tirapiedi della causa sabauda mascherati da rosse fiammanti camicie, truffoni presenti in nome d'una futura repubblica: gioite o ruffiani della sempre bionda Margherita, di quella Margherita che, per vendicarsi dei continui tradimenti e inganni ai quali Umberto l'« assassino » l'assoggettava, prostituiva con sue laide carezze e trascinava nella melma della chiesa apostolica, i genii, i poeti, i pensatori del risorgimento.

Esultate o cortigiani del degenerato Vittorio terzo, ladro e assassino, affamatore di popoli bianchi e neri; gioite! il vostro maestro, il vostro duce, fremono d'allegrezza sotto alla terra che corrode i loro corpi; sentonsi lieti: perché il loro « primo uomo » d'Italia ha varcato i confini, ed ha telegraficamente inviato al suo collega in massacrì, il deferente saluto.

Gioite! gioite o voi che acceccate la mente di chi ha lo stomaco vuoto, esaltando una patria vile, come tutte le patrie monarchiche, repubblicane o socialiste che siano.

E voi neri e bianchi che lasciate la vita sulle infuocate terre dell'Eritrea; voi beduini trucidati dalle bombe e dalla mitraglia italiana, e voi tutti italiani che conquistate con la più atroce violenza la terra di altre genti, voi giovani esistenze cadute per la volontà di un re e di un gruppo di parassiti, gruppo di vilissimi preti, di banchieri ladri e assassini del popolo; voi milioni di morti di stenti e di fatiche; voi esuli, e languenti nelle patrie galere, e in ombra simbolica del biondo Oberdan tutti, tutti voi uomini e donne delle cinque parti del mondo, guardate il sifilitico Vittorio come riceve gli onori dalle autorità dell'impiccatore Francesco Giuseppe.

O vittime del capitale, o martiri del pensiero, guardate... e fremete.

Il continuo banchettare, il godere, le feste di questi sciacalli, fatte in onore delle miserie umane, su i mucchi di cadaveri, in mezzo al sangue che scorre ovunque è un insulto troppo grave troppo vile; è una sfida che l'umanità deve accettare, è un delitto che non può che non deve rimanere invendicato.

Sappia qualcuno raccogliere il quanto e vendicare, gli insepolti cadaveri, i seppelliti vivi, i morti di fame, e gli esuli affamati perseguitati insultati dovunque.

Sappia qualcuno in quest'epoca di tanta viltà essere un Eroe.

S. Paulo, 10-7-913

ACRATE

CRONACA PAULISTANA

Nella nuova costruzione della cervejaria «Germania», al Bom Retiro, sabato 12 corr. è accaduta una grave disgrazia. Un povero manovale di nazionalità spagnuola, mentre portava non so che cosa, sulla malsicura armatura cadde dalla bella altezza di 7 metri, al suolo, ove morì all'istante.

Chi è la causa di questa morte? Gli imprenditori!, che dopo le piogge mandano quelli, che per vivere devono lavorare sulle armature ancor bagnate, mal costruite e molte volte, con tavole e murali marci.

Assassini! miserabili che per arricchire non pensate, non volete pensare che la vita è sacra per tutti, ma più per quelli che col proprio lavoro devono mantenere i vecchi genitori e i teneri figli.

Sembra impossibile che alla cinica indifferenza di questi vampiri, faccia eco la non meno ributtante odiosa indifferenza degli operai.

Quando quell'uomo, quel cadavere insanguinato, quella misera vittima dell'ingordigia e dell'inconoscenza altrui, giaceva lì aspettando forse il rimpianto dei suoi cari, e il rispetto dei compagni, questi, come se nulla di doloroso vi fosse in tutto ciò, come se il povero morto fosse un cane randagio, continuarono il loro lavcro.

ACRATE

Non una sola protesta non una sol parola di cordoglio uscì dalle bocche di quel branco vilissimo di pecore: o ma non pensate che domani un'uguale fatalità può piombare su voi?

Non pensate che domani le vostre famiglie possono trovarsi nell'identica situazione di quella del vostro compagno e possono necessitare la solidarietà?

Pensateci, e lasciate penetrare nelle vostre coscienze un po' di sentimento umano, padre e generatore di tutte le bellezze di tutte le grandi virtù.

I signori Giorgi imprenditori del detto lavoro, sono corsi alle redazioni dei giornali, per farli star zitti, naturalmente che corsa e relative visite saranno costate qualche centinaio di milreis a questi signori, ma, essi non avranno guardato a una nota di più o di meno, a essi premeva il silenzio; questo l'hanno ottenuto, i denari spesi li ricupereranno rubando ai loro operai.

Mi consta che i suddetti sono stati pure al «Fanfulla»; e chissà forse l'ex repubblicano Serpieri sa dirci quanto pagaron il silenzio al «furfantone».

Lo sapete signor Serpieri?

Questi assassini imbecilli, hanno paura che gli operai parlino; avete paura dei vostri crimini. Asini, non sapete che siamo al Brasile, e che se protestiamo c'imprigionano, ci espulsano, mentre voi banditi, assassini, ladri ve ne rimanete qui tranquilli, rispettati, decorati, adulati e dai vigliacchi che reggono la triste sorte di questo paese, e dal vostro patriottico governo.

Perché dunque se non per voi inventarono il cavalierato del lavoro?

O compagni fino a quando lasceremo compiere contro a noi questi orrendi delitti?

Fino a quando?

G. CAVICCHIOLI NEPOTE

Verso l'Anarchia

«Verso l'anarchia visibilmente cammina la storia, esaurendo la vitalità dello stato — governo — e svelando sempre più l'antinomia insuperabile tra lo essere del potere centrale, e la libertà dell'uomo.

«Giustificatelo come volete lo stato — governo — consacratelo trasportando in esso il dio sottratto alla chiesa, fatelo guelfo, ghibellino, borghese, monarchico o repubblicano, vi accorgerete in ultimo di aver sempre sul collo un tiranno contro cui protesterete di continuo in nome del pensiero e della natura.»

Del governo, di questo peso immane, di questa cittadella dello sfruttamento, di questo strumento di oppressione, pottrassi mai farne a meno senza l'attuazione del comunismo anarchico, ch'è garanzia della massima solidarietà, libertà ed eguaglianza.

«Il governo, concluderò con l'Engel, non data dall'eternità: A un dato grado di sviluppo economico, il governo diventa una necessità per la divisione della società in classi — ricchi e poveri, sfruttati e sfruttatori.

«Ora noi ci avviamo rapidamente ad un grado di sviluppo economico in cui l'esistenza di queste classi, non solo ha cessato di essere una necessità ma diventa un ostacolo effettivo alla produzione.

«Le classi cadranno inevitabilmente come sorsero. Con esse cade anche inevitabilmente lo stato governo.

«La società che riorganizza la produzione sulla base dell'associazione libera ed egualitaria dei produttori, riledge l'antico macchinario dello stato — governo — nel museo delle anticaglie, insieme alla ruota a filare e con l'accettata di bronzo.»

LE LEGGI

Il governo — re, presidenti, ministri, deputati, senatori — fa le leggi, abbia mo detto, e pensa a farle eseguire.

E' duopo dunque sapere bene cosa sono queste leggi, cosa valgono, e qual ragione hanno d'esistere.

Sentiamo Proudhon, il padre dell'anarchia, in proposito:

«Sotto l'impazienza dei popoli o l'impinenza della rivolta il governo ha dovuto cedere, ha promesso delle istituzioni e delle leggi, ha dichiarato il suo

più fervido desiderio essere che ciascuno possa godere del frutto del suo lavoro, all'ombra della sua vite e del suo fico. Era una necessità della sua posizione. Poiché, ai fatti, si presentava giudice di diritto, arbitro sovrano dei destini, non poteva pretendere di condurre gli uomini secondo il suo capriccio.

« Re, presidente, direttorio, comitato, assemblea popolare, non importa, occorrono al potere delle regole di condotta: senza di ciò, come perverrebbe egli a stabilire fra i suoi soggetti una disciplina? Come i cittadini si conformeranno all'ordine, se l'ordine non è loro notificato, è revocato; se cambia da un giorno all'altro e da ora ad ora?

« Dunque, il governo dovrà fare delle leggi, vale a dire imporre a se stesso dei limiti: perché tutto ciò che è regola per i cittadini diviene limite per il principe-governante. Farà tante leggi per quanti interessi incontrerà: e poiché gli interessi sono innumerevoli, ed i rapporti nascenti gli uni dagli altri si moltiplicano all'infinito, e l'antagonismo è senza fine: la legislazione dovrà funzionare continuamente. Le leggi, i decreti, gli editti, le ordinanze, le decisioni cadranno come valanghe sul popolo. In capo a qualche tempo il terreno politico sarà coperto di uno strato di carta, che i geologi registreranno sotto il nome di «formazione cartacea» nelle rivoluzioni del globo. La convenzione in tre anni, un mese e quattro giorni, emanò undicimila seicento leggi e decreti. Attualmente (1887) il «Bollettino delle leggi», ne contiene più di cinquantamila; se i governanti facessero il loro «dovere», questa cifra enorme sarebbe ben presto raddoppiata.

Si è costituito il circolo Filodrammatico Libertaria. Tutti quelli che vorrebbero concorrere per la sua buona riuscita, possono iscriversi.

I filodrammatici daranno festini e rappresenteranno drammi sociali.

Le famiglie dei Libertari e dei simpatizzanti potranno godere un'ora di buona compagnia e la propaganda ci guadagnerà qualcosa.

La quota di entrata è di 3.000 reis quella mensile è di due.

I dilettanti si riuniranno domani lunedì alle ore 7 in via Moss. Andrade, 3.

Nessuno manchi.

ALCUNI DILETTANTI

DIFFONDETE

La Barricata

ESCOLA LIVRE

PARA MENINOS E MENINAS

Rua Cotejipe, 26

S. PAULO — Belenzinho —

Instituto de educação e instrução segundo o metodo racionalista, mantido pela associação «Escola Moderna» de S. Paulo.

As suas aulas tanto diurnas como noturnas já estão funcionando com regular numero de alunos e a inscrição para a matricula se acha aberta, mediante a contribuição mensal de 3\$000 para as aulas diurnas e 4\$000 para as noturnas.

O «fornecimento de livros e materias» é feito aos alunos da escola gratuitamente, a fim de favorecer aos operarios na obra de educação e instrução de seus filhos segundo o método racionalista.

HORARIO DAS AULAS:

De dia — das 11 ás 3 1/2 da tarde.

De noite — das 7 ás 9 horas.

O programa com que iniciu seus trabalhos consta de leitura, caligrafia, português, aritmetica, geografia, historia do Brasil, noções de historia e principios de ciencias.

Mais tarde, porém, conforme está determinado, o programa será ampliado convenientemente, de acordo com as necessidades futuras e com aceitação que o ensino racionalista fôr merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

Director:—prof JOÃO PENTEADO

PATRIOTTI PATRIOTTISMO e la tratta degli schiavi...

IN SVIZZERA

Quando ricordiamo i patrioti portoghesi emigrati al Brasile, e la compra degli schiavi esercitata per tanti anni e su alta scala nell'Africa: quando pensiamo alla vita meschina, ai tratti inumani cui doveva sottostare la misera razza nera trascinata di qua e di là, qua e là battuta qua e là disprezzata, rejeta, un brivido d'orrore, di compassione per questi e di odio per gli altri ci assale, allora vorremo dimenticare cancellare dalla nostra memoria tutti i misfatti tutte le barbarie passate.

Non sempre ci possiamo. Quando mentalmente ria-diamo alla famosa rivoluzione del 1789-1793; alla presa della Bastiglia alla proclamazione dei diritti dell'uomo, a quel soffio d'idealità, che travolse — sia pur per un sol momento — la millenaria schiavitù, e fece pagare col sangue, — ai tiranni, — la loro secolare oppressione: un momento, fugace momento di compiacenza per l'indimenticabile fatto, e una forte speranza nel futuro l'anima invade.

Votremmo che l'onda di rivendicazioni umane si rietesse domani. Ma un giornale, un fogliettino, una lettera amica, ci cade fra le mani e ci racconta... inorridite... la strage in Grecia in Turchia in Libia o altrove, avvenuta per opera della civiltà, o ironia dei nomi... ci racconta, la facellazione di uno che non voleva essere l'assassino dei propri fratelli, e preferì uccidere chi l'imponeva l'assassinio; ci racconta la misera esistenza ch'è obbligato, condurre tutta una famiglia di lavoratori... e l'odio, questo forte sentimento umano s'impadronisce di noi, non è un odio cieco, è un odio dirò quasi sentimentale è un odio che cade sulle cause sui fattori dell'umano dolore...

Ieri leggevo i documenti che accusano e provano la compera di italiani



Ribellione infantile

LA PICCOLA RIVOLUZIONARIA!

MONOLOGO STORICO

— SCENA UNICA —

Soffitta con finestrella bassa, laterale, ingresso in fondo. Alcune sedie vecchie ed un tavolo, sopra un piccolo involto e lo scialetto di ODILLA.

La bimba sarà distesa a terra, sotto la finestra. Si solleva faticosamente, frestandosi gli occhi, sospirando forte, guardandosi smarrita d'intorno, come riavendosi da un lungo svenimento.

Dove sarà mio padre? — Ieri per tutto il giorno il piombo fraticida giú nelle vie tuonó; invano al babbo tutti noi, ci stringemmo piangenti, ei volle accorrervi: «Si battono» — gridó, «Giú nei rioni il popolo é sceso in armi, e vile é chi s'indugia e trepida, tra le sue mura! Io vó tra i miei compagni anarchici che oppongono il fucile, al cannon che li trucidá. Tacete, torneró. Suvvia, coraggio, il piangere tu serba ad altri giorni»; diceami impazientito: «non piangere cosí, Fammi andar via contento, speriamo che io ritorni; i birri ed i carnefici nessuno inteneri giammai. Suvvia lasciatemi, voglio morire anch'io, se i miei fratelli muoiono, addio... E da noi fuggi; si sottrasse ALLE LACRIME, ed all'amplesso mio, e ancor non torna, ah misera, ed io son sola qui, mia madre lo ha seguito, senza pur dirmi addio, scarmigliata, furente; e mio fratello?... Ah! si, lui, grande, é già soldato e ci ha posti in oblio, ond'io qui debbo struggermi inerte e vil cosí. Soldato!... Ah, ma é terribile tal cosa; i suoi vent'anni fra i disagi trascorsero, ed or che si partí, ei forse é tra gli armigeri sicari dei tiranni che massacrano il popolo, forse il babbo ferí! Mamma, babbo, fratello!... Perché non ritornate? — Ieri dalla finestra, un uom m'apostrofé: «Taci, vigliacca, stupida, son sú le barricate, «va in letto. Io paralitico, non vedi cosa fò? E imbracciato lo schioppo fra tante fucilate da quella finestrella... oh, quante ne tiró; ma ad un tratto ebbe un rantolo, le mie vene agghiacciate si contrassero, caddi e l'alba mi sveglió. Che fanno ora? mio padre, mia madre dove sono? E mio fratello? e il popolo?... Li avranno uccisi, ahimé Mamma, babbo, fratello, sola nell'abbandono non mi lasciate; oh, misera... che mai sarà di me? (Si getta ginocchioni, in atteggiamento di preghiera) Mio dio, tu almen soccorrimi, ch'io povera fanciulla del mondo ignoro i turbini, le passioni ancora, Io sono pura, innocente, io non ho fatto nulla, tu se lo puoi, deh, rendimi, la mamma, il genitor! (dopo lunga pausa si alza repentinamente) Tutto é silenzio, oh fragile e sciocca creatura, ed ho pregato, é inutile, non esiste il Signor, Se non risponde ai miseri!... Solo ignavia e paura fan dell'INCONOSCIBILE. — L'ETERNO, il CREATORE E' falso, é falso io sentomi qui sola e derelitta, i suoi preti, quei rettili, son col massacrator; se gli assassini vincono, se la plebe é sconfitta lo so, lo sento, gli orfani morranno di dolor. (piange)

Morir!... Mio padre forse cade in quest'ora stessa, mia madre, oh, non lo lascia, al fianco suo cadrá. Se massacrati restano, in fra la gente oppressa morranno, oscuri martiri, niun li ricorderá! Niuno?... m'inganno, passano gli anni su gli empí regni insanguinati, pallidi, fremono i vinti in cor, ma viene il di che irrompono i sacrosanti sdegni e i GIUSTIZIERI levansi; sorge il vendicator! Ed il sangue del popolo non sarà sparso invano esso nei di che seguono l'idea feconda. I vecchi pria cantavano: — «Benedetta la mano che colpí l'IPOCRITA, che il boia AMMAZZERÁ» (va alla finestra) Che sento? — lontanissimi rintocchi di campane sí, sí, a distesa suonano, ora che mai sarà? Oh, suonate la fine delle miserie umane? Suonate i nuovi vesperi per le cento città? Quanti squilli lontani, trombe maledette! Quanti rimbombi ed urli, si ripercuotono qui. E domani?... Già parlano di piombo e di manette ed ai soldati gridano: «Mirate dritto», Ah! sí assassini vilissimi non lo gridate invano ma il sangue delle vittime, su voi pur ricadrá. Ve le ricorderete le stragi di Milano, Se il NOVANTOTTO lugubre fatale a noi sarà! (minacciando verso la strada) Perché istigare a uccidere? Non ne hanno genitori Quei mostri che obbediscono? GIUSTIZIA E LIBERTÁ!... PANE, PANE, vi chiedono borghesi, affamatori lor, cui Bava Beccaris, sangue e mitraglia or dá! Persin del grano, dicesi, alcuni incettatori crudeli privar vegliono la folla che non ha nemmeno la speranza dei soliti lavori ecco perché tumultua e vi rovescerà. E voi Signori satrapi, fate gli umanitari e ostentate elemosine, finché la plebe muore di fame in tra gli spasimi, nei tetri casolari prostrate, e se sollevasi, ne avete ira e terrore Or gridate energumeni, a persiane abbassate. «Colpite! Orsú carnefici, chi a voi si ribelló!» Ecco i soldati passano di corsa; hanno innastate le baionette lucide (affacciandosi alla finestra, grida ai soldati) No, non tirate, no! Ho padre, ho madre in piazza, ho un fratello fra voi tirare sú le femmine, del popolo é viltá, Non quá, o soldati, in Africa dovete far gli eroi, ahimé! neppur mi sentono! dio, mio fratello é lá! Americo, ascoltami! — ecco alla finestrella nostra si é volto, aspettami; bada che Babbo é giú io son qui sola... fermati; si son'io, tua sorella Oh, mi fa cenno, vengo, e non ti lascio piú, Andremo ove si battono i popolani forti cercheremo fra gli anarchici, il babbo vi sarà, se con la mamma, é vivo. Oh! mamma: e se son morti? Americo é un intrepido li vendicherá! Io benché cosí piccola, con queste braccia grame se pur non posso battermi, chi cade assisteró; anch'io morró di piombo, pria che d'onta e di fame ma ve lo giuro, o martiri, degna di voi saró!

Confederação O. Brasileira

6ª CIRCULAR

Caros companheiros: Mais uma vez a vós nos dirigimos certos de que não falaremos em vão. Apelamos, mais uma vez, para a vossa boa vontade, concitando-vos a que apresseis o que tiverdes de resolver a respeito do «Segundo Congresso Operario Brasileiro». Não ha tempo a perder. E' preciso compreender que nós nada poderemos fazer sem o vosso decidido concurso. Vós é que sereis os factores maiores no éxito, que esperamos, do proximo «Segundo congresso». Nós o organizamos, apenas. Depende do vosso esforço da vossa energia e das vossas iniciativas o bom e fecundo resultado, para a nossa cauza, que fatalmente advirá da sua reunião. E' necessario agir imediatamente. E' imprescindivel que vos movais, já e já, levando por diante o que vos parecer conveniente. E' urgente que vos prepareis. Trabalhemos todos, com afino e com boa vontade. Sobretudo com boa vontade. São os nossos interesses que estão em jogo. Trabalhemos por eles, porque assim trabalharemos em nosso proprio beneficio. E lembrai-vos que não ha tempo a perder. E' necessario agir imediatamente.

Chamamos a vossa especial atenção para as explicações que queremos dar nesta circular. Vamos elucidar alguns pontos mais do que concerne á vossa representação no «Segundo Congresso so Operario» a realizar-se durante a segunda semana do proximo mes de setembro. Assim, começamos pelo que diz respeito aos vossos delegados.

Já na 5ª circular frisámos a conveniencia de serem enviados delegados proprios, de cada localidade. Creemos que não ha mais duvida sobre isto. Cada associação deve enviar DOUS delegados. E ambos OPERARIOS PERTENCENTES ás associações que representarem. A associação que de todo não puder enviar dous, mas apenas um, deverá escrever-nos em tempo pedindo-nos que indiquemos um outro companheiro daqui para completar a delegação. Mas isto que deve ser no caso de impossibilidade absoluta de enviar dous.

Outrossim, deve communicar-nos, até ao VINTE DE AGOSTO, os nomes dos vossos delegados.

Deveis, tambem, providenciar para que os vossos representantes cheguem em tempo a esta cidade. Entendemos que, a mais tardar, devem estar aqui na vespera da abertura do Congresso, isto é, a 7 de setembro.

OS TEMAS
Os temas que se destinarem á discussão no Congresso deverão ser-nos comunicados até ao dia VINTE DE AGOSTO.

E' facil de compreender que precisamos de certo tempo para pô-lo em ordem o manda-os imprimir em seguida.

Ha mais o seguinte. Pelo fato de se fazer representar no Congresso não quer dizer que cada associação se veja na obrigação de apresenta temas.

Apresenta os aqueles que os tiverem apresentar.

A CONTRIBUIÇÃO
Tornamos a expor o que foi dito na 5ª circular.

A contribuição de dinheiro para as despesas do Segundo Congresso é uma cousa inteiramente facultativa. O nosso desejo é que a ele compareça o maior numero possível de sindicatos e agremiações. E' claro que cada qual deve se esforçar por contribuir com a quantia maxima de que for capaz.

Estamos, assim, entendidos. Deveis mandar dinheiro si puderdes. Si o não podeis, isto não impede que compareçais ao Congresso.

E aproveitamos o momento para avisar ás associações que já decidiram quais as quotas a serem enviadas, que o podem fazer desde já. E aqueles que forem decidindo sobre as mesmas, enviemo-as de de logo.

(Todo o dinheiro destinado ao Congresso deve ser enviado, em vale postal, directamente ao tesoureiro da Confederação Operaria Brasileira: João Leuenroth, Caixa Postal 1427 — Rio de Janeiro).

Esperamos tambem que não deixareis de preparar os relatorios de que vos falámos. E, uma cousa simplissima de fazer guiandose, mais ou menos pela norma que esboçamos na 5ª circular. E é mesmo um trabalho que por sua natureza deve ser claro e sucinto.

Outro esclarecimento: Só poderão aderir ao SEGUNDO CONGRESSO OPERARIO BRASILEIRO as associações exclusivamente operarias.

Saúde e solidariedade.

«A comissão especial organizadora». Nota—Toda a correspondencia relativa ao «Segundo Congresso Operario Brasileiro» deve ser endereçada a Astrogildo Pereira, Caixa Postal 1427, Rio de Janeiro.

N. R. Por falta do espaço não nos foi possível publicar na integra a presente circular.

Aos camaradas

A proposito do nosso apêlo

Com prazer comunicamos a todos os camaradas que já temos meio caminho andado para a publicação do «Germinal» em 4 páginas em portuguez e um grande passo para a publicação de 4 em italiano.

O presente número já foi feito na nossa tipografia. Os numeros successivos custarão uns 40\$000 menos cada tiragem, o que, como dissemos, é a metade do caminho andado para a publicação de 4 paginas em portuguez.

Um pequeno esforço mais e teremos um jornal capaz de preencher as necessidades momentaneas da propaganda e da luta pela Anarquia.

Pro GERMINAL! e BARRICATA

— ENTRADAS —

PALMIRA (Paraná — Albino Agottani 5\$ — V. Mezzadri 5\$ — Z. Agottani 2\$ — C. Carzino 1\$ — D. Duzi 5\$ — Total 18\$000	SUBSCRIÇÃO — A. Pellegrini 2\$ — Le Gevan 1\$ — A. Rossi 1\$ — J. Marangon 1\$400 — B. Binazzi 3\$ — L. Aioré 5\$ — Anônimo 3\$ — G. Cortesi 2\$ — A. Gorgatti 3\$ — D. Fruits 4\$ — João Quadro Scars 5\$ — F. Bamondi 3\$ — Silva 2\$ — José Sanches 1\$ — J. Fornero 10\$ — J. Martins 6\$ — D. Novo 6\$ — E. Conti 5\$ — Total 69\$000
CAMPINAS — A. Basiolo 2\$ — Peloia 5\$ — J. C. Francisco 2\$ — A. Silvestre 3\$ — Peloia 5\$ — P. Tonel 2\$ — E. Garcia 1\$ — M. Fernandez 1\$ — V. Moreno 1\$ — E. Boschiero 1\$ — M. Romano 1\$ — F. Pouza \$500 — J. Faceti 1\$ — Total 26\$000	RIO DE JANEIRO — L. Gonzaga 1\$ — Sarmento \$500 — Schonberg 1\$ — Minhana \$500 — L. Ferreira \$500 — Rosendo 1\$ — Qualquer \$500 — Gonzaga \$500 — J. Deniz \$500 — Antonio 1\$ — F. Bueno 3\$ — Arzua 1\$ — J. Ramos 2\$ — Total 14\$000
RIO — 16 Ações a 5\$ — Total 80\$000	Uma assinatura anual e duas semestres — Total 22\$000
Bilhetes da festa: J. B. Bueno. D. G. — Total 19\$500	Venda avulsa 50\$700
Livros e folhetos 5\$200	Porcentagem de Livros 25\$600
Assinaturas recebidas na redacção SANTOS — M. Rodrigues 5\$ — A. Leite 3\$ — M. Perdigão 10\$ — D. Gonçalves 5\$ — Total 23\$000	Cobrança em varias localidades do interior. 38\$000
Cobrança em Jundiaí. 102\$000	» Sorocaba. 206\$000
	Total 1.070\$700

— SAIDAS —

Impressão dos Ns. 15 — 16 — 17 519\$000	Deficit do N. anterior 514\$300
Trasporte e montagem da tipografia 137\$200	Despesa feita em cobrança em varias localidades do interior 191\$800
Sellos para expedição para o interior e exterior 36\$000	Carretos e outras despesas de administração 16\$500
2 formas e um fol 8\$000	Porcentagem á cobrança da capital 40\$000
Redacção e administração 270\$000	Aluguel da Séde 50\$000
Aluguel da Caixa do Correio. 10\$000	Despesas diversas 12\$700
	Total 1.805\$500

RESUMO	Saídas 1.805\$500
	Entradas 1.070\$700
	Deficit 734\$800

«La propaganda Libertaria»

Como prometeram, os camaradas editores do novo jornal «La Propaganda Libertaria» deram a publicidade o primeiro número deste paladino anarquista, que vem a intensificar a difusão de ideal aerático. Apesar da apatia imperante no nosso meio, contamos ja com dois jornais anar-

quistas e brevemente, com o novo despertar que começa a pronunciarse na nossa colectividade, é provavel que a acção libertaria tome grandes proporções.

Saudamos pois, ao novo campeão, desejando-lhe longa vida para abreviar o advento da Anarquia.

A redacção da «La Propaganda» está instalada á rua Assumpção, 36, A.

Correspondencia libertaria

Rib. Preto — Selles — Seguiram os 20 ex. do livro «Evolução e Revolução. Rebecoste?

Rio Claro — F. Bonini — Recebemos á carta mas não foi possível encontrar a professora.

Mas assim mesmo seria ridicolo meter uma freira nova numa escola que é mantida por uma sociedade neutra em religião.

E bem melhor não ter escola do que ter, e ser a professora uma freira.

Saude. Cerquillo — N. Francesco — Enviei os livros «Cristo nunca Existio» e «Dios y el Estado».

Itajuby — E. Giova — «Em volta de uma vida» já se esgotou, se queres que procure nas livrarias, custa 3.500 e o «Papa Negro» seguirá juntamente.

Casa Rranca — L. Bellini Remetemos o jornal no endereço indicado, quanto a remessa da assinatura podes remeter-la pelo correio, registrada com valor.

S. Roque — Negrini — Se recebeste alguma cousa remete a logo que puderes.

Astrogildo — Rio — Recebemos o convite. Provavelmente irei eu.

Saudações. Fiorentino. Cecilio — Rio — Recebeste carta minha? Nós não recebemos permuta da «Voz do Trabalhador».

Saude. Fiorentino, Munhoz. — Rio — Recebeste a encomenda?

Saudações a familia e camaradas. Fiorentino.

Arias — Rio — Recebeste um programma de uma sociedade, que te envié? Fiorentino.

Em RIB. PRETO na rua Amador Bueno, 43, na «Livraria Seles» encontra-se a venda o Livro de Reclus «Evolução e Revolução» pelo preço de 1.500 em total beneficio d'esta folha.

Recomendamos aos companheiros e simpatizantes.

Biblioteca do «Germinal!»

Pequena Biblioteca do GERMINAL

Evolução e Revolução

— DE —
ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarquista, com 150 paginas, nitidamente impressa em optimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco.

Em venda para beneficio do jornal, nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

Obras em Portuguez

A 1\$500 encadernada, e mais \$200 para o porte do Correio.

Nardau. — As mentiras convecionaes 2 volumes.

Flamarion. — Habitantes dos outros mundos.

G. Bernab. — O que é Socialismo.

P. Ellzbacher. — O anarchismo.

Novocw. — A Emancipação da Mulher. Carpenter. — Prisões, Policia e Castigos.

C. Marx. — O Capital, reis 1800, em brochura e 2500, enc.

E. Zola. — A Derrocada 2 vols.

» Naná 2 vols.

» O dinheiro 2 vols.

» A Obra 2 vols.

» A besta humana 2 vols.

Tolstoi. — O Canto do Cisne.

» Ana Karenine 2 vols.

Diderot. — A Religiosa.

Obras de educação racional

1. — «Como se deve educar o espirito,» Dr. Toulouse. (2ª edição).

2. — «Iniciação astronomica», de Flamarion ilustrado com 156 gravuras.

3. — «Iniciação quimica» de Darsens illus. com 33 gravuras.

4. — «Iniciação matematica» de Laisant illustr. com 103 gravuras.

5. — «Iniciação zoologica» de Brucker illust. com 165 gravuras.

Catalogo de livros em espanhol, muito instructivos em edições economicas. Cada volume brochado 1\$200 Cada volume encadernado 1\$600 Pelo correio mais 200 réis por volume.